

Agora sim eu sou brasileiro! Quem é que não pinta a cara e veste a camisa para ver a seleção jogar? Em épocas de Copa do Mundo o nacionalismo invade a casa de muitos brasileiros. É um sentimento que parecia estar contido nos últimos quatro anos. Mas quando explorado e estimulado pela mídia, principalmente, pela publicidade transforma o país inteiro em verde e amarelo.

Por outro lado, quando foram declarados, oficialmente, os nomes que compunham a seleção de Dunga, as opiniões se dividiram. Entre insatisfações e críticas, há uma confusão de sentimentos no torcedor. De um lado a vontade de torcer pelo país, e de outro uma falta de identificação com os jogadores escalados. Pode-se dizer que há um falso sentimento de nacionalismo no ar.

A adoração que a mídia propõe como essencial para os brasileiros se enfraquece tendo em vista que nem sempre se reconhece os jogadores. Sim, eles são nascidos no Brasil, mas há anos a maioria não faz parte dos times brasileiros. Um fato está por trás disso, e é fácil de ser identificado, mas, talvez, esteja sendo pouco comentado nos grandes veículos. Os craques são descobertos, ainda quando muito jovens, por grandes grupos de investidores estrangeiros, a maioria europeu. Da seleção de Dunga, apenas 3 dos convocados jogavam no Brasil. Os outros 20 atuam, principalmente, em times na Alemanha, Espanha e Itália – maiores centros econômicos quando se trata de futebol.

Em outros tempos quando a maioria dos jogadores ainda atuava em seu próprio país, Altafini – campeão com a seleção brasileira de 1958 – chegou a recusar a convocação para a copa de 1962, pois jogava no Milan da Itália, e não achava justo ocupar a vaga de jogadores que ainda jogavam no Brasil.

Mas essa mentalidade mudou. Pode-se dizer que a partir da década de 1990 houve um forte movimento da europeização do futebol brasileiro. Cada vez mais jovens, os meninos talentosos são levados para grandes seleções fora do país. Fato que se confirma devido a falta de reconhecimento (principalmente financeiro) interno. Assim, quando chega o mundial são convocados jogadores nativos, que há anos representam outros times, em outros países. Não se trata da competência de cada jogador. Mas sim da representatividade.

Em recente desentendimento com alguns torcedores corinthianos, Ronaldo disse que no Brasil, os ídolos nacionais não são respeitados. Ironicamente, o jogador deixou o país aos 17 anos, mais do que isso, apesar de ser um dos maiores jogadores da história das copas, ele não teve identificação em nenhum lugar por onde passou, mudando constantemente de clube conforme a oferta que lhe era oferecida.

Por mais que se acompanhem de perto as novidades do mundo da bola, não dá para chegar na hora do maior campeonato do mundo, e se sentir parte daquele time com a bandeira do seu país, mas com representantes estrangeiros. Em um momento de eliminação como voltou acontecer com a seleção brasileira, muitos jogadores voltam a bater nessa tecla, é como se eles quisessem somente o bônus em “representar” seu país, já que uma convocação aumenta o valor de mercado do jogador. Diante da derrota de 2010, o que se espera é que o brasileiro se mobilize, dando devido uso as novas mídias digitais, para que, se a taça de 2014 for nossa que seja com o verdadeiro orgulho de ser brasileiro.

S U M Á R I O

AS ELEIÇÕES E A ESQUERDA	PSOL quer o fim da desigualdade social ...	pág. 3
	PCB defende frente única para além das eleições	pág. 4
	PSTU tem programa para transformar o país	pág. 5
MAMATA	Belo Monte ameaça desastre ambiental e ignora direitos dos povos	pág. 6
URBANIZAÇÃO E MORADIA	O fim e os fins da expansão de São Paulo	pág. 8
MODAS E MANIAS	O álbum da Copa é nosso	pág. 10
CONTRA O PRECONCEITO	M.I.A versus <i>New York Times</i>	pág. 11
ENSAIO FOTOGRÁFICO	Uma Universidade dos trabalhadores	pág. 12
SEMANA DE JORNALISMO	Mães denunciam violência e descaso de autoridades	pág. 14
	Debates evidenciam recuo do governo nos Direitos Humanos	pág. 16
	Direitos Humanos para quem?	pág. 18
	O estado católico brasileiro	pág. 20
RESENHA	O Solista	pág. 22
CRÔNICA	Fácil pra quem?	pág. 22
ANTENA	TV Cultura - a saga da crise continua	pág. 23
PORÕES DA DITADURA	Os gritos que o Brasil nunca ouviu	pág. 24

FALE COM A GENTE

Envie suas sugestões, críticas, comentários:
contrapontopuc@gmail.com

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO PUC-SP

Reitor
Dirceu de Mello

Vice-Reitor
Vico Mañas

Pró-Reitora de Graduação
Marina Graziela Feldmann

Pró-Reitor Comunitário
Helio Roberto Deliberador

FACULDADE DE FILOSOFIA, COMUNICAÇÃO, LETRAS E ARTES FAFICLA

Diretora
Sandra de Camargo Rosa Mráz

Diretora Adjunta
Mercedes Fátima de Canha Crescitelli

Chefe do Departamento de Jornalismo
José Arbex Jr.

Suplente
Silvio Miele

Coordenador do Jornalismo
Urbano Nojosa

Vice-Coodenador do Jornalismo
Valdir Mengardo

EXPEDIENTE

CONTRAPONTO

Conselho Editorial

Hamilton Octavio de Souza, José Arbex Jr.,
José Salvador Faro, Marcos Cripa, Pollyana Ferrari

Comitê Laboratorial

Luiz Carlos Ramos, Rachel Balsalobre,
Salomon Cytrynowicz, Wladyr Nader

Editor

José Arbex Jr.

Ombudsman

Silvio Miele

Secretária de redação

Ana Carolina Andrade

Secretária de produção

Giulia Longhi

Editor de fotografia

Gustavo Antonio Ceratti Silva



Capa:
Padronização do
Imaginário.
Gustavo Antonio Ceratti
Silva

Simetria Design Gráfico – projeto/editoração
Wladimir Senise – Fone: 3679.7746

CONTRAPONTO é o jornal-laboratório
do curso de Jornalismo da PUC-SP.

Rua Monte Alegre 984 – Perdizes
CEP 05.014-901 – São Paulo – SP
Fone: 3670.8205

Número 66 - Junho de 2010

PRINTCOLOR Serviços Gráficos Ltda

Av. Cônego José Salomão, 568 - Pirituba - SP